

FILOSOFIA DA MENTE:  
O BEHAVIORISMO ANALÍTICO

**RESUMO:** O presente artigo tem como pretensão a abordagem em três partes, ademais como parte introdutória, um breve comentário da diferença entre o Behaviorismo da Psicologia e da Filosofia. Após esta breve apresentação segue-se a primeira parte, em uma abordagem dissertativa a respeito do Behaviorismo Analítico. A segunda parte, a apresentação dos pontos relevantes ao discurso do Behaviorismo, no caso, a versão *dura* ou *radical* de Hempel e a versão *branda* de Ryle enquanto abordagem a uma proposta sobre os estados mentais, bem como as contra-argumentações oriundas da própria proposta dos estados mentais sobre os comportamentos. A terceira parte a possibilidade de demonstração.

---

**Palavras-chave:** Psicologia, Filosofia, Hempel, Ryle e Behaviorismo Analítico.

**1. A diferença entre o Behaviorismo da Psicologia e da Filosofia.**

O Behaviorismo Radical enquanto Filosofia da Mente traz a abordagem a níveis de comportamento, portando, tendo como objetivo de discursar estados mentais à análises dos comportamentos. Porém, no entanto, é necessário primeiramente estabelecer uma diferença entre o Behaviorismo psicológico do filosófico, para assim fixarmos melhor nosso quadro teórico.

Enquanto objeto de estudo no campo psicológico trata da postulação de comportamentos a respostas dos estímulos externos sendo eles de caráter fisiológico. Processos que requerem estados mentais são postos de fora, haja vista ser o bastante, postular somente estados físicos para uma avaliação sobre os modos comportamentais. Ora, aqui vale afirmar que, o modo de como as pessoas reagem sobre certas condições externas, os mesmos reagiriam de maneira comportamental a estas condições podendo assim determinar um estado observável. Ao situarmos o Behaviorismo na esférica do conhecimento científico da Psicologia, tratamos aqui a metodologia para o qual ela pretende apontar e tratar seu objeto.

No contexto da Psicologia, os comportamentos podem ser condicionados em resposta aos estímulos provocados em uma condição específica. Com o experimento do

fisiologista e psicólogo Ivan Pavlov<sup>1</sup> que realizou com cães, demonstrou que certos comportamentos poderiam não ser inatos, pois o experimento tratava-se em, sempre que Pavlov tocava um sino ele daria ao cachorro comida. Após uma série de vezes repetidas esta ação, o mesmo ao tocar somente o sino o cão responderia ao estímulo da comida produzindo saliva, mesmo não lhe dando à comida.

Estudando a ação de enzimas no estômago dos animais (que lhe dera um Prêmio Nobel), interessou-se pela salivação que surgia nos cães sem a presença da comida. Pavlov queria elucidar como os reflexos condicionados eram adquiridos. Cachorros naturalmente salivam por comida; assim, Pavlov chamou a correlação entre o estímulo não-condicionado (comida) e a resposta não-condicionada (salivação) de reflexo não-condicionado.<sup>2</sup>

No campo filosófico, o Behaviorismo é a análise das descrições comportamentais que descrevem estados mentais. Nesse contexto podemos afirmar que é uma teoria sobre um estado mental ou uma condição cuja ideia se dá em tendências comportamentais. Ao passo que esta abordagem conceitual também se encontra na semântica dos termos mentais, principalmente quando se é atribuído a crenças.

As teorias filosóficas da mente possuem dois tipos de direção, um dualístico outro monístico. No caso do behaviorismo analítico, a identificação de padrões que possam ser observáveis e demonstrados publicamente, podemos afirmar que esta teoria seja monístico ao modo que, consiste em apenas uma espécie de realidade, no caso o comportamento publico real e potencial de uma pessoa.

No behaviorismo analítico todo o seu discurso sobre estados mentais, se torna reducionista no momento em que, o mesmo aponta somente para o comportamento, quer dizer, as descrições dos comportamentos das pessoas me descrevem seus estados mentais.

A diferença principal entre o Behaviorismo Psicológico e o Filosófico está no comportamento e na mente. Enquanto no psicológico trata-se estritamente do comportamento humano e animal, e na abordagem do filosófico está em investigar minuciosamente a mente humana, na ligação entre estados mentais e estados físicos e, da pergunta sobre o estatuto

---

<sup>1</sup> Ivan Petrovich Pavlov (1849 – 1936) foi um fisiologista russo, conhecido principalmente por seu trabalho no condicionamento clássico. Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Ivan\\_Pavlov](https://en.wikipedia.org/wiki/Ivan_Pavlov). Acessado em 17/11/2015.

<sup>2</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reflexo\\_condicionado](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reflexo_condicionado). Acessado em 17/11/2015. Não obstante, o exemplo de Pavlov situado neste artigo tem como pretensão, a experiência empírica como pressuposto da afirmação a respeito do condicionamento.

ontológico da mente, o que significa também dizer que, ela seja diferentemente da abordagem de qualquer outro discurso sobre a mente.

## **2. Behaviorismo filosófico também conhecido como Behaviorismo Analítico.**

Agora que apresentamos uma breve diferença entre o B. da Psicologia com o B. da Filosofia, descreveremos uma leitura propriamente do Behaviorismo Analítico, seus pressupostos e suas críticas quanto a sua leitura das descrições comportamentais.

Enquanto uma análise dos conceitos que procura explicar estados mentais, busca estabelecer padrões descritivos, tendo em vista que nesses padrões teria uma resposta à pergunta se, e somente se, como revelação da verdadeira natureza mental. Com isso tratando-se somente de assuntos relacionados ao comportamento. Ora, com isso teremos um problema, pois perguntamos em como determinar todas as descrições comportamentais possíveis que poderiam sugerir sempre que determinado comportamento aconteça seja aplicado de maneira com a qual, não se deixe de fora alguma análise das descrições possíveis.

Segundo o livro *Compreender o Behaviorismo* (2ª ed. 2006), o autor William M. Baum afirma que o B. Radical tem predileção ao pragmatismo, haja vista, se o mesmo aceitasse o realismo, isso o levaria a um dualismo, que no caso seria inviável ao próprio discurso central proposto por essa teoria, já o que é aceito em seu quadro teórico parte do pressuposto que a análise do comportamento considera somente nesse único mundo, o comportamental.

Quanto aos conceitos intencionais e as vontades discutidos no cerne desta teoria, percebemos que são tratados da seguinte maneira. Primeiro perguntar pelos os comportamentos acompanhados dos eventos privados que os tornem atuais. Ora, significa dizer que, como o B. Analítico trata das emoções que sugerem múltiplas respostas para cada pessoa, já que a pretensão seria que as emoções, aqui tomado como um dos estados privados que seria acompanhado de um evento comportamental.

O problema será evocado em Ryle quando na sua proposta que, mente é comportamento. A questão agora é como todo comportamento poder ser considerado parte da mente e em que ocasiões poderiam ser considerado mental. Trataremos melhor na versão *branda* de Ryle.

Antes de entrarmos no assunto do Behaviorismo Duro em Hempel, e ainda na abordagem dissertativa a respeito do Behaviorismo Analítico, citaremos um pequeno recorte sobre a concepção behaviorista da linguagem em Quine. De modo geral a sua concepção sobre este tema, está em sua obra intitulada *Word and Object* (1960) onde ele rejeita uma semântica mental em que os conceitos intencionais seriam como entidades mentais que correlaciona palavras com ideias. A tese de Quine é a de um significado linguístico como uma propriedade do comportamento. O posicionamento de Quine provoca certas questões críticas, tendo como um dos seus principais opositores o Filósofo Chomsky alegando ser a própria falta de solidez e incoerência na proposta de Quine. Para Chomsky, a tensão ao problema está em sua obra *Reflections on Language* (1975):

... observa que propostas para resolver os problemas (de aquisição da linguagem) têm sido desenvolvidas na literatura da gramática generativa desde o início, e pensa que elas estão corretas em princípio, ainda que algumas vezes seja difícil aplicá-las na prática. E a proposta do behaviorismo, que não segue uma gramática gerativa, não dá conta da aquisição e da manutenção da linguagem (CHOMSKY, 1975, p. 180).<sup>3</sup>

### **3. Abordagem sobre o Behaviorismo “duro” em Hempel.**

Carl G. Hempel (1905–1997) foi um Filósofo alemão, Matemático e Físico. Foi membro do Círculo de Viena associado ao grupo de filósofos de Berlim, por onde começou na tentativa contemporânea de solucionar os problemas oriundos da teoria mente-corpo evitando as questões não resolvidas do dualismo e, assim aderindo ao behaviorismo analítico.

Em seu B. Duro Hempel tem como proposta a análise para o debate mente-corpo como o modelo da argumentação que predicados mentais seriam compreendidos através da decomposição dos comportamentos. Ora, aqui vale salientar um dos problemas que serão postos sobre tal argumentação. O fato seria de como as análises dos comportamentos poderiam descrever os estados mentais, pois parece que sempre ficaria uma análise de fora, ao passo que determinados comportamentos não descreveriam a totalidade das análises. Por exemplo, ao analisar a sentença ‘Pedro sente dor de cabeça’, o comportamento de Pedro frente à dor de cabeça seria a de tomar um remédio para a dor, ou simplesmente fica calado, ou que ainda tomaria café, ou ainda mais, Pedro provoca uma ação até o banheiro,

---

<sup>3</sup> FONTOURA, Débora. *A Concepção Behaviorista da Linguagem de W. V. O. Quine: Exposição e Defesa*. 2009. 145 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

pressupondo na crença que no banheiro está à caixa de remédio. Com isso tais comportamentos não seriam suficientes e, haveria sempre algo sobrando, o que causaria em uma circularidade apresentando como um decurso sem fim. Portanto, serão inúmeras as contestações ao Behaviorismo, sendo que nesta linha Dura não se consegue eliminar todos os termos mentais por meio da análise comportamental.

Vejamos o seguinte modelo de comportamento sobre o meu desejo de jogar vôlei de praia. Ora, para Hempel, toda vez que eu vestir um short, colocar minha camiseta do circuito de vôlei estaria descrevendo o comportamento do desejo de ir jogar vôlei naquele momento. Teremos que levar em consideração que a crença que desejo ir jogar, estejam meus amigos lá, bem como todo o material necessário, se ira chover, e com isso não ter jogo algum, bem como simplesmente coloquei meus trajes para assistir partidas de vôlei, pois desejo ir assistir ao jogo trajado com a referência ao vôlei de praia.

O problema de base está no fato que não existe correspondências que ilustrem todos os tipos de ações a tipos de movimentos corporais bem como também, para as crenças e estados mentais.

Em direção a uma proposta mais esmerada<sup>4</sup> ao B. Analítico temos a figura do Filósofo Ryle, com a proposta de não limitar uma tradução do vocabulário mental somente ao que é examinável publicamente, já que a proposta anterior se dá, na observação real e concreta.

#### **4. Abordagem sobre o Behaviorismo “brando” em Ryle.**

Gilbert Ryle (1900–1976) bem como um Behaviorista, ou rotulado como um, mas, proceder como crítico ao dualismo, e notório em uma teoria verificacionista do significado, sua perspectiva inclui a noção de disposição comportamental, quer dizer, uma análise do comportamento. Em seu livro *The Concept of Mind* rejeita a ideia cartesiana de mente–corpo, por não concordar na ideia de mente como uma entidade que ocupa e dirige o corpo, e que não se encaixaria mais aos conceitos da biologia até então.

Ao repudiar o conceito cartesiano, Ryle questiona a mente como uma substância imaterial ligada a uma ‘máquina corpórea’. A expressão que ele chama de dogma do ‘fantasma na máquina’.

---

<sup>4</sup> Aqui no significado de cuidadoso e apurado.

é inteiramente falsa, e falsa não apenas no detalhe, mas em princípio de um argumento de erros particulares. Trata-se de um grande erro, e de um erro de uma espécie particular. Trata-se de um erro categorial.<sup>5</sup>

Quanto às disposições de Ryle podemos considerar que em sua tese, não se sustentaria apenas em comportamentos públicos, devido ao fato que jamais se poderia dispor de todos os tipos de estados mentais para demonstrar seus comportamentos. Ryle classifica a inteligência como um conceito disposicional, podendo afirmar que, a inteligência não é causa de comportamentos, mas a inteligência como uma disposição para comportar-se em determinadas circunstâncias.

As crenças, desejos e disposições seriam modos com os quais agiríamos, a serem apropriados em certas circunstâncias. Com isso, a análise do comportamento não seria necessariamente real concreto, mas, também potencial. Quer dizer, para poder descrever algo que estou sentindo não é necessário que eu expresse ‘estou com dor de dente’, mas que esteja disposto a expressar um ato físico apropriado às circunstâncias, já que em Ryle a disposição de agir não pode ser entendida como causa e efeito, mas como uma disposição para determinada maneira. Ryle descreve como a noção de uma disposição comportamental. Tendo em vista que, o mesmo se aplica a estados intencionais, tais como desejos e crenças (MASLIN, K. T., 2009, p.119).

Depois de relacionar o Behaviorismo duro que reduz estados mentais a padrões de comportamento observável e do Behaviorismo brando que propõe ao sujeito do estado mental em disponibiliza-lo em um comportamento, temos como afirmação básica, onde se percebe a rejeição da existência dos aspectos internos dos estados mentais, portanto, sem qualia, e da própria argumentação sobre a disposição do sujeito quanto ao ato de manifestar todos os comportamentos possíveis, ou pelo menos o suficiente para descrevê-las.

## **5. A possibilidade de demonstração e considerações finais.**

Bem como em todo o discurso sobre a mente poderemos cair em contradições internas ou mesmo de caráter articulatório com outras argumentações, o behaviorismo passa

---

<sup>5</sup> RYLE, G., *The Concept of Mind*. 1973. In: MASLIN, K. T. *Introdução à Filosofia da Mente*. 2. ed. – Porto Alegre: Artemed, 2009. p. 117-118.

por tensões em seu paradigma, propondo às vezes um reducionismo ou condições que o leva a uma ‘falência teórica’.

Dois modos podem ser demonstrados como consideração final à abordagem sobre o behaviorismo, dada às condições encontradas quando se trata da presença de comportamento, mas, ausência de mente e, quem não exprime comportamento, ou a disposição em agir conforme certo comportamento, mas, possui mente. Esses dois modos coloca-se em uma situação delicada à correspondência sobre o comportamento como possibilidade de uma teoria que discute Filosofia da Mente.

Enquanto a possibilidade dos zumbis, pondo nesta figura sem correspondência à realidade, possuidora de todos os comportamentos externos iguais a qualquer ser humano, como andar, morder e etc. é desprovido de uma mente. Ora, por mais que imaginemos pessoas humanas com características de zumbis, mesmo dopadas de remédio psicotrópicos, cujo remédio possui efeitos sobre o sistema nervoso afetando assim a percepção, as emoções ou o comportamento. Não teríamos como realmente constatar que os mesmos sobre esses efeitos estariam ausentes de uma mente? O que sabemos é que, ao termino destes efeitos suas características voltariam ao estado anterior ao uso do remédio.

Por outro lado temos a possibilidade de demonstrar uma presença mental com uma ausência de comportamento. Isso significaria afirmar que alguém sem expressar algum comportamento poderia ter mente, ou estar pensando, como alguém em estado de coma, ou possuidor de uma patologia neurodegenerativa. Vejamos o exemplo do físico teórico Stephen W. Hawking. Apesar dele não ser totalmente desprovido de comportamento, mas vale informar, que mesmo com ausência de alguns comportamentos que exprimem certos padrões em resposta a um estado mental, não quer dizer que o mesmo não possua uma atividade mental presente. Sabemos muito bem do seu brilhantismo e da sua contribuição junto à comunidade científica.

Quanto aos que expõem seus comportamentos de modo simulado ou a habilidade de não publicar seus comportamentos. Temos o exemplo do chamado superespartanos, baseado na figura do homem que treina para suportar dores, conter emoções, um homem preparado para não expressar de maneira comum o que outros corresponderiam. Ainda neste panorama de fingimento, temos o exemplo do Serial Killer, psicopata descrito por psiquiatras como um homem aparentemente sociável, com aspectos de indivíduo normal.

Quando pensamos em psicopata, logo nos vem à mente um sujeito com cara de mau, truculento, de aparência descuidada, pinta de assassino e desvios comportamentais tão óbvios que poderíamos reconhecê-los sem pestanejar. Isso é um grande equívoco!<sup>6</sup>

Contudo, apesar de que, o Behaviorismo Analítico tendo suas falhas e até mesmo sua problemática em fundamenta-la, e aqui pontuando sobre os zumbis, superespartanos e outras que poderiam ser descritas como, não possível de demonstração pública real, o artigo propôs apresentar a leitura e a abordagem sobre esta corrente. O fato de discutirmos sobre a Mente nos coloca em aberto às questões.

## Referências

FONTOURA, Débora. *A Concepção Behaviorista da Linguagem de W. V. O. Quine: Exposição e Defesa*. 2009. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

MASLIN, K. T. *Introdução à Filosofia da Mente*. 2. ed. – Porto Alegre: Artemed, 2009.

SILVA, Ana Beatriz B. *Mentes Perigosas: o psicopata mora ao lado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

---

<sup>6</sup> SILVA, Ana Beatriz B. *Mentes Perigosas: o psicopata mora ao lado*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 16.